

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES - IARTE

ANA LAURA FERREIRA PRADO

**O CORPO ENQUANTO SUPORTE ARTÍSTICO:  
DE PINTURAS CORPORAIS À TATUAGENS QUE FIZ EM MINHA VIDA**

Uberlândia

2023

ANA LAURA FERREIRA PRADO

**O CORPO ENQUANTO SUPORTE ARTÍSTICO:  
DE PINTURAS CORPORAIS À TATUAGENS QUE FIZ EM MINHA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Mello Salimeno de Sá

Uberlândia

2023

ANA LAURA FERREIRA PRADO

**O CORPO ENQUANTO SUPORTE ARTÍSTICO:  
DE PINTURAS CORPORAIS À TATUAGENS QUE FIZ EM MINHA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais.

Uberlândia, 2023

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Mello Salimeno de Sá (UFU/IARTE)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Mourão Arslan (UFU/IARTE)

---

Prof<sup>º</sup>. M.e Igor Carvalho Rodrigues (IFG – Campus Valparaíso)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço minha orientadora Raquel, que, além de ter sido uma ótima professora, me guiou ao longo deste trabalho.

Agradeço minha família, por sempre me apoiarem na jornada de me tornar uma artista professora.

Agradeço minha irmã, que sempre me incentiva no meu trabalho.

Agradeço ao meu namorado, por sempre me ajudar nas pesquisas e escritas.

Agradeço aos amigos que fiz no caminho, que tornaram a caminhada mais leve.

Agradeço as mulheres tatuadoras que me cederam as entrevistas para este trabalho.

Agradeço aos professores do curso de Artes Visuais-UFU, que me moldaram como artista e pessoa, me ajudaram a melhorar e me deram dicas e conselhos, nunca esquecerei.

## RESUMO

Este trabalho aborda o corpo como um meio de expressão artística, concentrando-se nas pinturas corporais e nas tatuagens. Inicialmente, o estudo investiga o conceito de corpo como suporte artístico, discutindo sua importância histórica e cultural, e em seguida, aprofunda-se na arte dos grafismos indígenas como um exemplo de resistência cultural. A história da tatuagem é abordada, com ênfase nas transformações sociais que permitiram a superação dos estereótipos machistas na prática da tatuagem e o reconhecimento das mulheres neste campo. O trabalho então se volta para uma análise mais pessoal, apresentando a história e o significado das tatuagens feitas pelo autor ao longo da vida, ressaltando a tatuagem como uma poderosa ferramenta de expressão pessoal. A conclusão reforça a importância da tatuagem como forma de arte, resistência cultural e forma de expressão pessoal, encorajando novos estudos e reflexões sobre o tema.

**Palavras-chave:** pintura corporal; tatuagem; suporte artístico.

## ABSTRACT

This work addresses the body as a mean of artistic expression, focusing on body paintings and tattoos. Initially, the study investigates the concept of the body as an artistic support, discussing its historical and cultural importance, and then delves into the art of indigenous graphics as an example of cultural resistance. The history of tattooing is addressed, with emphasis on the social transformations that allowed the overcoming of sexist stereotypes in tattoo practice and the recognition of women in this field. The work then turns to a more personal analysis, presenting the history and meaning of the tattoos made by the author throughout life, highlighting tattooing as a powerful tool for personal expression. The conclusion reinforces the importance of tattooing as a form of art, cultural resistance, and personal expression, encouraging new studies and reflections on the topic.

**Keywords:** body painting; tattoo; artistic support.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Exemplos de grafismos corporais na comunidade Pataxó .....	12
Figura 02 -	Exemplos de grafismos corporais na comunidade Pataxó .....	12
Figura 03 -	Mulheres Kayapó com pinturas corporais em danças típicas ....	13
Figura 04 -	Maud Wagner em 1907 .....	16
Figura 05 -	Mariana “Persi” tatuando .....	17
Figura 06 -	O corpo fala .....	20
Figura 07 -	O corpo sente .....	21
Figura 08 -	O corpo diz .....	22
Figura 09 -	O corpo esconde .....	23
Figura 10 -	O corpo pensa .....	24
Figura 11 -	O corpo quer .....	25
Figura 12 -	O corpo resgata .....	26
Figura 13 -	O corpo está .....	27
Figura 14 -	EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU) .....	28
Figura 15 -	EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU) .....	28
Figura 16 -	EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU) .....	29
Figura 17 -	EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU) .....	29

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. O CORPO COMO SUPORTE .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Corpo como suporte artístico.....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 Pinturas corporais e grafismos indígenas.....</b>	<b>11</b>
<b>3. BREVE PERCURSO DA HISTÓRIA DA TATUAGEM.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 A relação da tatuagem e o machismo .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 A resistência das mulheres na história da tatuagem .....</b>	<b>15</b>
<b>4. TATUAGEM: EXPRESSÃO PESSOAL .....</b>	<b>18</b>
<b>4.1 O corpo fala: meu corpo e suas expressões artísticas.....</b>	<b>19</b>
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MARIANA PEREIRA SILVA .....</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO MARIANA PEREIRA SILVA .....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA COM NATHÁLIA DOS ANJOS .....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO NATHÁLIA DOS ANJOS .....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE E – ENTREVISTA COM STEFANI PAPADIO .....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO STEFANI PAPADIO.....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca explorar a arte como uma forma expressiva inerente ao corpo humano. Não apenas somos capazes de criar arte, mas também nos tornamos a própria tela para esta expressão criativa. Pinturas corporais, grafismos indígenas e tatuagens são apenas alguns dos inúmeros exemplos que demonstram o corpo como um meio de expressão artística, cultural e pessoal.

Neste estudo, o foco será as diversas formas de expressão cultural usando o corpo como suporte artístico. Para os indígenas a pintura corporal não é apenas uma forma de arte, mas uma parte crucial da identidade cultural. As pinturas representam significados espirituais, status social e rituais, reforçando a identificação do grupo étnico. Todos os materiais utilizados, como jenipapo, carvão, urucum e barro, são retirados diretamente da natureza, cada cor e grafismo possuindo seus próprios simbolismos.

Na arte corporal ocidental utiliza-se o corpo como suporte - uma tela em branco pronta para receber e exibir pinturas e outras intervenções. Movimentos artísticos contemporâneos, como a body art e as tatuagens urbanas estão se tornando cada vez mais proeminentes. As tatuagens, têm uma história rica e antiga. Ao longo dos séculos, essa prática se popularizou em todo o mundo. Como a pintura corporal, as tatuagens também utilizam o corpo como suporte artístico, mas, neste caso, o desenho na tela ( corpo) é permanente. As pessoas marcam seus corpos com imagens e palavras que têm um significado pessoal, transformando suas peles em expressões vivas de suas identidades e experiências. Esta forma de expressão artística visa desafiar e expandir os limites tradicionais da arte, abandonando as telas de pintura convencionais.

Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é explorar e analisar os diferentes usos do corpo como suporte para a pintura. Isso abrange várias motivações, seja por razões religiosas, expressão pessoal ou pura apreciação artística.

O estudo é justificado pela necessidade de entender a relação intrínseca entre arte e corpo, destacando como essa relação molda e é moldada por contextos culturais, históricos e individuais. Este trabalho contribuirá para a literatura existente ao explorar o papel do corpo na arte de uma perspectiva intercultural e multidisciplinar.

A metodologia adotada envolverá exemplos de arte corporal de diferentes culturas e contextos, entrevistas com artistas que escolheram a tatuagem como seu trabalho e uma análise sobre as minhas tatuagens, envolvendo as histórias por trás de cada uma.

Por fim, o trabalho é organizado da seguinte forma: após esta introdução, a seção seguinte discutirá o conceito de corpo como suporte, incluindo uma discussão sobre o corpo como suporte artístico e uma análise de pinturas corporais e grafismos indígenas. Isso será seguido por uma revisão histórica da tatuagem e uma exploração do papel da tatuagem como expressão corporal e pessoal.

## **2. O CORPO COMO SUPORTE**

O corpo humano, em sua complexidade e multifuncionalidade, transcende em muito as fronteiras de sua biologia. Além de ser um instrumento vital de nossas necessidades e funções fisiológicas, o corpo emerge como um poderoso meio de expressão em vários campos - social, cultural e artisticamente. É essa narrativa que será desdobrada neste capítulo, enquanto a intersecção do corpo e da arte em dois contextos distintos.

Primeiramente, o foco será sobre o "Corpo como suporte artístico". Nesta seção, navegaremos pela paisagem contemporânea das artes, onde o corpo é não apenas um instrumento, mas uma tela viva para a criação artística. A discussão se centrará nas várias formas de expressão corporal na arte contemporânea e como essas práticas desafiam e redefinem as normas convencionais de criação e apreciação artística.

Na segunda parte do capítulo, voltamos nossa atenção para as "Pinturas corporais e grafismos indígenas". Aqui, mergulharemos na riqueza das culturas indígenas, onde o corpo serve como um suporte para a pintura e os grafismos. O objetivo é explorar as múltiplas funções que essas práticas corporais desempenham desde a expressão de identidade e pertencimento, até a representação de narrativas históricas e mitológicas.

O objetivo deste capítulo é realçar a diversidade e a profundidade do conceito do "corpo como suporte", ressaltando sua importância na arte contemporânea e nas tradições indígenas. Ao explorar esses dois subtópicos, esperamos fortalecer a compreensão geral do papel do corpo em diferentes contextos culturais e artísticos, contribuindo para uma análise mais ampla do tema central deste trabalho.

Ao longo deste capítulo, iremos desconstruir ideias preconcebidas e revelar o potencial extraordinário do corpo como um meio multifacetado de expressão e arte. Seja através da utilização intencional e inovadora do corpo na arte contemporânea, ou das práticas de pintura corporal ricas em simbolismo das culturas indígenas, esperamos ilustrar a importância e a diversidade do "corpo como suporte" em vários contextos.

## 2.1 Corpo como suporte artístico

Na virada do século XX, com os estudos de Freud sobre a mente humana e os sonhos, foi possível explorar o equilíbrio entre o consciente e o inconsciente. A investigação desse equilíbrio foi essencial para as artes que têm o corpo como suporte, pois buscou evocar as sensações mantidas no inconsciente para a criação artística, resgatando algo original e individual, deixando marcas pessoais que se utilizam dessa linguagem inconsciente para se expressar.

A marca corporal se utiliza do consciente para determinar sua execução e sua apresentação – tipo de intervenção e região do corpo onde esta será aplicada. A escolha dos adornos, que são os componentes concretos desta linguagem, tem sua origem nos elementos resgatados do inconsciente e transformados, por meio de uma cadeia associativa, nas imagens ou formas escolhidas pelo indivíduo para serem aplicadas em seu corpo. (PIRES, 2003, p.79)

Nesse contexto, o corpo passa a ser um suporte vital para a arte que busca adentrar o interior do indivíduo. Como é o caso da prática contemporânea de modificar o corpo, marcando experiências significativas e pessoais, quase como um diário, só que o testemunho passa a ser permanente na pele.

A pele passa a carregar emoções, memórias e valores individuais. Essas marcas passam a contar histórias pessoais, relatos singulares que refletem a identidade de cada indivíduo, as experiências e os sentimentos. A pele passa a ser como uma tela viva, transmitindo algo complexo que somente as palavras não conseguem.

Ao pensar as marcas corporais como uma forma de transcendência, de ultrapassagem dos limites físicos, de fortalecimento do espírito e delineamento do caráter; de dar oportunidade ao psíquico expressar-se concretamente sobre o suporte ao qual está vinculado, de trazer à tona e vivenciar o inconsciente, de materializar o imaterial, como uma forma do indivíduo conectar-se ao universo, nos parece lógico e pertinente que estas sejam feitas exatamente no órgão que delimita esses dois espaços: a pele. (PIRES, 2003, p. 80)

A arte corporal como tatuagens, piercings, escarificações e implantes, muitas vezes vistos apenas como rebeldia ou modismo, são na realidade uma expressão do profundo anseio humano de narrar, de deixar um registro físico de experiências, emoções e identidade.

Em conclusão, o corpo humano transcende sua natureza biológica e se torna um espaço de expressão artística, permitindo ao indivíduo se expressar de uma maneira que outras formas de arte não permitem. As marcas corporais se tornam uma linguagem visual que dialoga com o interior e exterior do indivíduo, construindo narrativas íntimas e complexas que definem a experiência humana em sua plenitude.

## **2.2 Pinturas corporais e grafismos indígenas**

Os grafismos indígenas se apresentam como um repositório cultural vibrante, resistindo ao teste do tempo através da potência de seus símbolos (Deleuze & Guattari, 1995). Esta arte pode ser compreendida como uma cartografia, um rizoma com múltiplas entradas, interconexões, enredando conhecimentos e saberes variados. Este cenário propicia um terreno fértil para uma aprendizagem abrangente e enriquecedora sobre a história e as culturas indígenas, alimentando o que Gomes (2012) chama de "imaginação pedagógica" e acrescentando criatividade histórica.

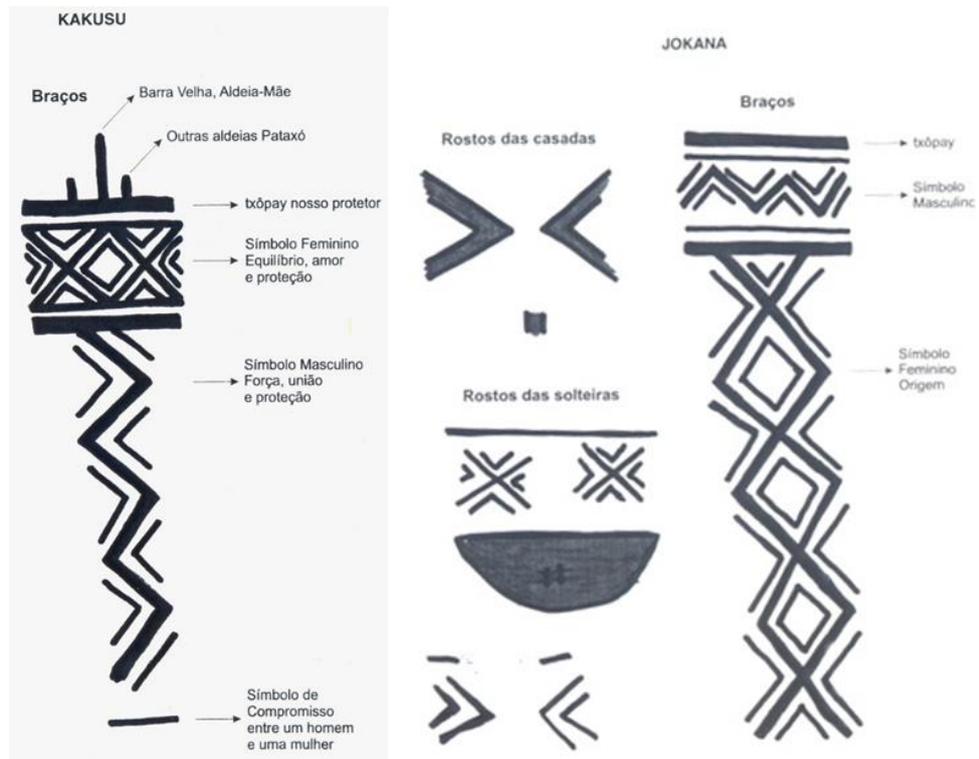
Esses grafismos estão presentes em uma grande diversidade de artefatos criados pelos povos indígenas, incluindo cerâmicas, pedras, potes, jarros, lanças, máscaras, tecidos, cestas e papéis. Porém, é na pintura corporal que o significado desses desenhos ganha uma dimensão ainda mais íntima e poderosa.

Para cada povo indígena, há um conjunto específico de grafismos que refletem seus costumes e características singulares. Eles são parte integrante da ornamentação corporal e cada elemento carrega uma riqueza de significados e associações que são únicos para cada etnia.

Essas pinturas corporais tornam-se uma identidade visível, um código que permite o reconhecimento de cada povo, de qual família pertencem, que função o desenho representa ou até mesmo que momento os indivíduos pintados estão vivenciando.

Muitos desses grafismos são inspirados na natureza e nos animais, assumindo uma forma geométrica. Ao observador ocidental, esses significados podem passar despercebidos, já que muitos não são expressos verbalmente e podem não surgir imediatamente à consciência. É somente através do conhecimento e da análise dos aspectos culturais que se pode ir além da aparência e começar a compreender os profundos significados subjacentes, como nas figuras abaixo, exemplificando grafismos corporais do corpo Pataxó.

Figura 01 e 02 - exemplos de grafismos corporais na comunidade Pataxó.



Fonte: <http://diversidadeeidentidade.blogspot.com.br/2011/04/pinturas-corporais-pataxo.html>

Segundo Machado (2015), na cultura guarani, muitos atos performativos, inclusive a pintura corporal, devem ser mantidos em segredo. Eles são "corpos que falam em silêncio", reforçando a ideia de que essas práticas carregam um peso cultural significativo que vai além do visual.

Estes grafismos funcionam como um sistema independente de comunicação, expressando crenças, atividades rituais e mitologia. Eles são portadores de um significado holístico, inserindo-se em uma "razão sensível" que rastreia as comunicações orais em performances e narrativas corporais (Antonacci, 2018).

As pinturas corporais são consideradas "arquivos vivos", uma forma de conhecimento que se estrutura como um enredo. Estas narrativas indígenas formam uma "infralíngua pictórica", um sistema de comunicação que se expressa através da arte (Antonacci, 2018).

Esta arte corporal, longe de ser simplesmente um patrimônio ou arquivo na perspectiva ocidental moderna, é uma forma de os povos originários resgatarem a memória de seu Estado nacional ou poder, de maneira oposta à concepção inicial de Pierre Nora (1993).

A origem da pintura corporal indígena se perdeu no tempo, mas se manteve através de gerações com uma intencionalidade pedagógica e como um vetor de memória do grupo. Nesse

sentido, as pinturas corporais indígenas podem ser vistas como "lugares de memória" próprios desses povos, ressignificando e expandindo a concepção original de Nora (1993).

Figura 03 - mulheres Kayapó utilizando pinturas corporais em danças típicas.



Fonte: <https://www.brasildefatopr.com.br/2022/05/12/indigenas-mebengokre-kayapo-farao-oficina-de-pintura-corporal-no-museu-paranaense>

Portanto, os grafismos indígenas representam uma forma única de expressão e comunicação, um elemento inalienável das identidades e das tradições indígenas. Eles servem como um vínculo tangível entre o presente e o passado, entre o indivíduo e o coletivo, e entre o homem e a natureza.

Cada desenho, cada marca e cada cor reflete uma tapeçaria complexa de significados que falam sobre os ritos de passagem, as tradições espirituais, as histórias ancestrais e os eventos sociais.

Através desses desenhos corporais, os povos indígenas conseguem expressar sua visão de mundo, sua conexão com o universo e seus próprios lugares dentro dele. Eles são um testemunho visual da resistência cultural indígena e uma poderosa ferramenta para a educação histórica e cultural.

Assim, a arte da pintura corporal indígena, com sua beleza intrínseca, profundidade de significado e riqueza de simbolismo, permanece como um aspecto inalienável das culturas indígenas, um "arquivo vivo" de suas histórias e tradições.

Em suma, as pinturas corporais e os grafismos indígenas representam uma celebração vibrante da diversidade cultural e da resistência indígena, um tesouro artístico e cultural a ser valorizado e preservado para as futuras gerações.

### **3. BREVE PERCURSO DA HISTÓRIA DA TATUAGEM**

A tatuagem é uma forma ancestral de arte corporal, que possui uma história diversificada e percorre milênios de evolução cultural em diferentes sociedades ao redor do mundo. Ao longo dos séculos, a prática da tatuagem tem sido moldada por muitos significados e finalidades, variando de expressões artísticas e rituais religiosos a símbolos de identidade e status social.

Os primeiros registros arqueológicos de tatuagens datam de mais de 5.000 anos atrás, com múmias encontradas no Egito, cujas peles exibiam traços de tinta permanente. Acredita-se que essas primeiras tatuagens tinham propósitos rituais e mágicos, com o intuito de proteger os portadores de espíritos malignos. Em outras culturas antigas, como os povos aborígenes da Austrália e os nativos da Polinésia, a tatuagem também estava associada a ritos de passagem e marcas de identidade tribal.

No entanto, à medida que as sociedades mudaram, as atitudes em relação à tatuagem variaram significativamente. Durante a expansão do Império Romano, as tatuagens eram frequentemente usadas para marcar escravos e criminosos como uma forma de punição, por outro lado, em sociedades orientais como o Japão, a tatuagem foi desenvolvida como uma forma de arte altamente elaborada, principalmente associada aos samurais.

A chegada do cristianismo na Europa, a partir da Idade Média, teve um impacto significativo na percepção da tatuagem. A prática começou a ser associada a rituais pagãos e essa estigmatização levou ao declínio da tatuagem na cultura ocidental durante vários séculos. No entanto, a partir dos séculos XVIII e XIX, com as explorações marítimas e o contato com culturas não ocidentais, a tatuagem ressurgiu na Europa e nos Estados Unidos como uma forma de arte exótica e exuberante. A prática tornou-se popular entre marinheiros e militares, que muitas vezes se tatuavam para representar suas viagens e experiências ao redor do mundo.

Ao longo do século XX, a tatuagem ganhou reconhecimento como uma forma legítima de expressão artística e autoexpressão. A tatuagem moderna tornou-se altamente diversificada em estilos e técnicas, atraindo pessoas de todas as idades e origens sociais. A cultura pop, a mídia e a indústria do entretenimento também desempenharam um papel importante na popularização da tatuagem e na quebra de estereótipos negativos associados a ela.

### **3.1 A relação da tatuagem e o machismo**

Ao longo de sua trajetória, a prática da tatuagem esteve fortemente influenciada por questões de gênero, com o machismo exercendo um papel significativo no estigma e na percepção da tatuagem em relação às mulheres.

A partir do século XIX, a tatuagem começou a ser vista como algo marginalizado e associada ao crime, o que acabou por reforçar o estigma em relação às mulheres tatuadas. Nessa época, a tatuagem era mais comum entre marinheiros e prisioneiros, e raramente aceita na sociedade em geral. As mulheres que tinham tatuagens muitas vezes eram estigmatizadas como rebeldes ou de moral duvidosa.

Essas atitudes negativas em relação às mulheres tatuadas persistiram ao longo do século XX, com o machismo e a discriminação de gênero desempenhando um papel significativo na percepção da tatuagem feminina. As mulheres tatuadas eram frequentemente vistas como "fora do padrão" e desafiadoras das normas sociais tradicionais, o que levava à rejeição e preconceito.

Ao longo dos últimos anos, a sociedade tem se movido em direção a uma maior aceitação da tatuagem e do papel das mulheres nesse meio. Cada vez mais mulheres estão se expressando através da tatuagem e se tornando tatuadoras. Isso tem acontecido em paralelo a uma mudança gradual nas atitudes sociais em relação à tatuagem, com a prática ganhando espaço na cultura popular e sendo reconhecida como uma forma válida de arte.

Ao longo deste trabalho, entrevistei algumas mulheres tatuadoras, com quem já tatuei ou pretendo me tatuar, e perguntei sobre o machismo na profissão. “Como já fazem dez anos desde que comecei, eram outros tempos e o machismo sempre foi presente. Quando comecei, não me levavam a sério como profissional. Tatuadores homens acreditavam que seria só uma fase, que eu não seguiria com isso e que jamais seria boa. Clientes homens me desrespeitavam com flertes, desrespeitos e achavam minha arte muito feminina”, diz Mariana Persi (apêndice A).

### **3.2 A resistência das mulheres na história da tatuagem**

As mulheres têm desempenhado um papel significativo e muitas vezes subestimado na história da tatuagem. Ao longo dos séculos, elas enfrentaram desafios e estereótipos de gênero ao adentrar esse mundo dominado pelos homens. No entanto, as tatuadoras mulheres têm

desafiado as normas sociais e conquistado espaço como artistas talentosas, contribuindo para a evolução da tatuagem como uma forma de expressão artística.

Historicamente, muitas vezes as mulheres foram retratadas na tatuagem apenas como musas ou modelos para os tatuadores masculinos. A falta de representação feminina pode ser atribuída ao machismo e às restrições impostas às mulheres em muitas sociedades ao longo do tempo. Mas nos últimos anos, elas começaram a romper as barreiras de gênero e a se destacar na indústria da tatuagem. Um exemplo notável é Maud Wagner, que se tornou a primeira tatuadora profissional conhecida nos Estados Unidos no início do século XX. Wagner era uma talentosa contorcionista e artista de circo, e foi por meio de sua conexão com o mundo circense que ela conheceu o tatuador Gus Wagner, com quem aprendeu o ofício da tatuagem e rapidamente se tornou uma tatuadora de renome.

Figura 04 - Maud Wagner em 1907.



Fonte: <https://www.alcabones.com.br/um-breve-resumo-da-historia-de-maud-wagner-a-primeira-mulher-tatuadora-dos-eua/>

Hoje, existem inúmeras tatuadoras mulheres em todo o mundo, sendo algumas delas artistas de renome internacional. Nascida em Pato de Minas, Mariana Pereira Silva, mais conhecida como “Persi”, hoje mora em Portugal, mas durante anos tatuou em Uberlândia. Uma das minhas entrevistadas, Persi, também é pichadora, pintora e multiartista. Com 10 anos de carreira, ela conta que “sempre houveram desafios por apenas ser mulher... ainda sinto um pouco

de diferença sim no tratamento. Não como antes. Mas quando saio com meu namorado por exemplo, as pessoas sempre perguntam se ele é tatuador. Nunca direcionam essa pergunta pra mim”. (apêndice A)

Mari, como também é chamada, ainda percebe a diferença de tratamento dos clientes e colegas, mas ela consegue ver um avanço no cenário atual da tatuagem: “é extremamente notável a quantidade de mulheres na área da tatuagem atualmente, quando comecei, há 10 anos, só haviam 4 tatuadoras mulheres na cidade, hoje devem totalizar pelo menos umas 50”. (apêndice A)

Ao ser perguntada o que diria para uma tatuadora que está começando agora, ela diz: “estude e dedique um pouco a cada dia. Tudo é alcançável quando se tem disciplina e amor. E na tatuagem é assim. Sempre há algo para aprender, algo pra ensinar”.

Figura 05- Mariana ‘‘Persi’’ tatuando.



Fonte: arquivo pessoal da tatuadora.

Nathália dos Santos tem 27 anos, é natural de Uberlândia e desde 2019 concilia o trabalho de tatuadora com o curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Uberlândia. Ela diz que a “velha guarda” da tatuagem ainda carrega o machismo na profissão: “claro que foram e sempre serão extremamente importantes para a história da tatuagem, mas geralmente eles carregam muitos preceitos sobre essa cultura, e um deles é o machismo. Não

necessariamente deixando claro que mulher não pode tatuar, mas limitando sua atuação a simplesmente tatuagens delicadas e fofas. O que levanta muitas barreiras sobre a concepção das artes”. (apêndice C)

Ela acredita que ainda existe um tratamento diferente dos clientes em relação às tatuadoras mulheres, mas isso está mudando. “Vem se formando um público bem miscigenado que busca tatuar com mulheres. Esse público possui um padrão, claro, são pessoas engajadas socialmente”. (apêndice C)

Stefani Papadio é natural de Fernandópolis-SP, é estudante de Artes Visuais na UFU e tatua desde 2022. Mesmo com pouco tempo de carreira, ela notou um padrão em seus clientes: “80% do meu público até hoje é composto por mulheres. Percebo que homens não dão preferências para mulheres tatuadoras e senti muito isso, principalmente no começo, quando não tinha muitos clientes”. (apêndice E)

Mesmo acostumada em sua profissão, Stefani relata tratamento diferente em seu dia a dia: “muitas vezes sinto olhares tortos por ter escolhido uma profissão ‘mais masculina’, sempre por parte de família, conhecidos e até pessoas que não conheço”. (apêndice E)

Ela aconselha futuras tatuadoras: “força de vontade é a chave. A profissão é difícil (principalmente no começo), o machismo enraizado nela é pior ainda. Meu conselho é buscar inspirações femininas que a incentivem no mundo da tattoo”. (apêndice E)

#### **4. TATUAGEM: EXPRESSÃO PESSOAL**

A tatuagem é uma das inúmeras formas de expressão corporal, ela utiliza do corpo como suporte artístico permanente, uma tela que não será apagada. Os significados de uma tatuagem podem ser muito pessoais, como o nome de um familiar, uma foto, uma data importante, ou apenas um desenho que o tatuador fez e você gostou, os famosos “flashes”.

Um “flash” é um desenho que o tatuador já disponibiliza pronto, sem possibilidade de muitos ajustes, geralmente são artes que o próprio tatuador tem vontade de tatuar em alguém, por isso eles tem preços menores que tatuagens criadas do zero.

De acordo com o dicionário de Oxford, tatuagem é: “a arte de gravar na pele... qualquer desenho ou marca feitos por esse processo...qualquer vestígio visível e relativamente duradouro...” E essas marcas podem representar muito, como uma forma de auto aceitação, auto expressão e ajudam também na auto estima.

Seja através de frases, datas, desenhos, fotos ou símbolos, a tatuagem é uma forma milenar de gravar no seu corpo algo que você gosta, que não quer esquecer, que quer contar para os outros, alguém que quer homenagear ou algo que quer expressar através da sua pele.

#### **4.1 O corpo fala: meu corpo e suas expressões artísticas**

Comecei a me tatuar com 14 anos de idade, hoje eu não faria isso. Acredito que com 14 anos eu não sabia muito sobre a vida, sobre o que eu gostava ou sobre o que eu queria, mas vou carregar para sempre o símbolo do infinito que fiz no pulso, me lembrando de um momento da minha vida em que aquilo fazia sentido pra mim.

Aos 15 fiz minha segunda tatuagem, eu tinha uma vontade grande de me expressar através da tatuagem, aqueles desenhos faziam muito sentido pra mim. A rosa no meu braço direito me lembra desse momento, onde eu estava descobrindo muita coisa.

Depois disso, não parei mais, não sei mais quantas tatuagens eu tenho, mas descobri outras formas de me expressar através do meu corpo. Comecei a pintar e cortar meu cabelo, colocar piercings e deixar minhas unhas crescerem.

Ao entrar no curso de Artes Visuais, tive muito contato com a arte através do corpo, algo que eu não conhecia, e aquilo me incentivou em vários trabalhos.

Matérias como performance, poéticas urbanas e fotografia me fizeram explorar o corpo não apenas como suporte, mas como ‘fazedor’ de arte.

“O corpo fala” é uma experiência visual que narra o corpo enquanto suporte artístico, este trabalho surgiu através de experimentações com o corpo, onde me expressei através dele e de tudo o que há nele. No ensaio, meu corpo é visto como protagonista, com vontades e ideias próprias. As figuras tem pequenas explicações, mas falam muito por si só.

Figura 06 – O corpo fala



Fonte: arquivo pessoal.

O corpo fala e nos diz muito, ele pensa, quer, sente e nos conta uma narrativa própria. O corpo se expressa através de sentimentos, tatuagens, movimentos, cores e sentidos.

Figura 07 – O corpo sente



Fonte: arquivo pessoal.

O corpo sente. Ele sente medo, tristeza, alegria. Ele sente a chuva, sente o sol, o vento. Sente a pele, sente falta, sente dor. O corpo está sempre sentindo, sem isso, não somos.

Figura 08 – O corpo diz



Fonte: arquivo pessoal.

O corpo nos diz muito. Ele nos diz pra ir com calma, diz que estamos cansados, diz que não quer ou até, que quer muito. O corpo diz, mas nem sempre a gente escuta.

Figura 09 – O corpo esconde



Fonte: arquivo pessoal.

O corpo esconde muito bem. Esconde segredos, tristezas...mas também se esconde. O corpo que já sofreu, já sentiu muito, se esconde e fica difícil de se encontrar.

Figura 10 – O corpo pensa



Fonte: arquivo pessoal.

O corpo pensa, está sempre pensando. Pensa no passado, presente e futuro. Pensa no trabalho, na traição, no almoço, na viagem, na partida, na amizade, na prova, na vida.

Figura 11 – O corpo quer



Fonte: arquivo pessoal.

O corpo tem vontades. O corpo quer descansar, amar, dormir, comer, ser feliz, sair, prazer, sentir. O corpo quer, e quer muito.

Figura 12 – O corpo resgata



Fonte: arquivo pessoal.

O corpo resgata memórias. Memórias internas ou externas, através de marcações no próprio corpo. Ele resgata sentimentos, momentos, sentidos.

Figura 13 – O corpo está



Fonte: arquivo pessoal.

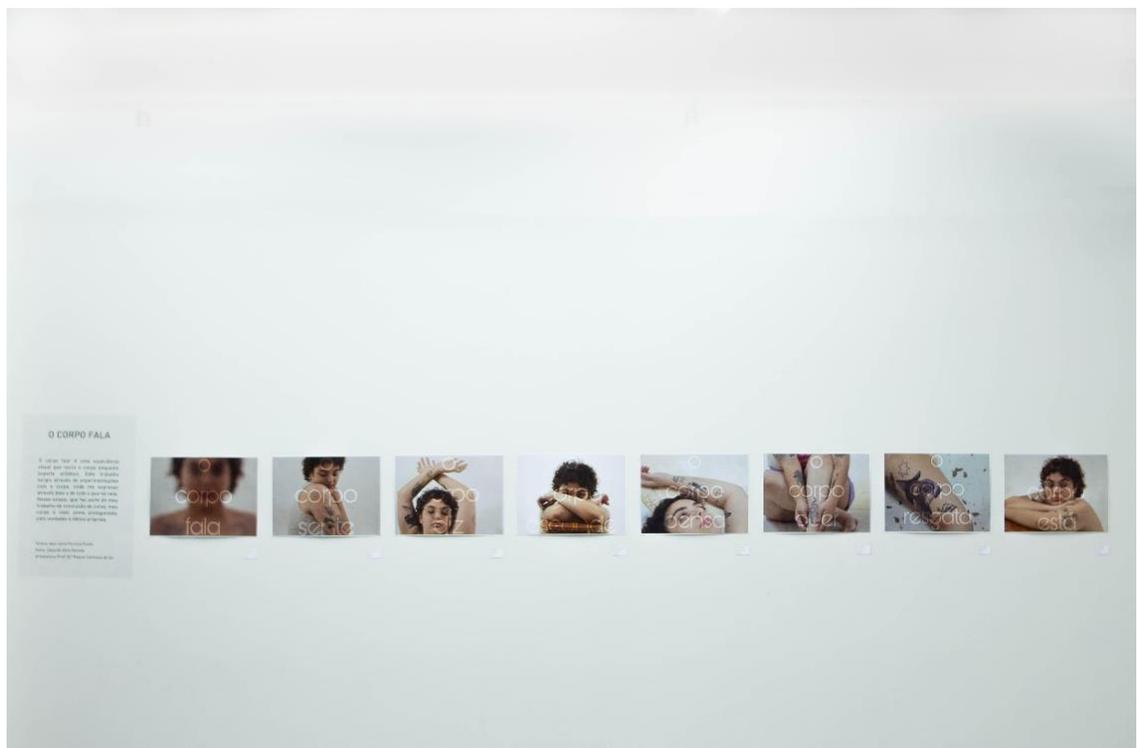
O corpo está aqui, está ali, está exausto, está ocupado, está feliz, está produzindo, está dizendo, está fazendo. O corpo está.

Figura 14 – EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU)



Fonte: Camila, 2023.

Figura 15 – EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU)



Fonte: Camila, 2023.

Figura 16 – EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU)



Fonte: Camila, 2023.

Figura 17 – EntreArtes (2023), 22-24 de novembro (UFU)



Fonte: Camila, 2023.

## 5. CONCLUSÃO

Durante a construção deste trabalho, foi possível entender a potência que o corpo carrega, além de suas marcas latentes, as escolhas individuais e as histórias que cada tatuagem carrega. Essas marcas são símbolos de resistência e expressão pessoal, um testamento daquilo que me constitui e que reverbera sobre a pele, reflexos do meu interior.

A questão do corpo feminino e o machismo é importante para o trabalho, já que meu corpo assume papel principal nessa experiência visual. Por isso a relevância de falar sobre o machismo e a tatuagem e as entrevistas com mulheres tatuadoras, para elucidar as questões acerca da profissão e seus reflexos em uma sociedade que tenta regular e limitar os corpos femininos.

“O corpo fala” é um ensaio visual que coloca meu corpo em cena e suas expressões como protagonistas. Uma das formas de expressões do meu corpo é a tatuagem e ele também fala através delas. Nesse projeto eu coloco o corpo não apenas como suporte, mas como criador de arte.

Por fim, este trabalho me proporcionou uma jornada de auto-reconhecimento, já que, percorrer meu corpo em busca de memórias, foi um processo de redescobrimto. Entender o corpo como suporte artístico, como uma tela em movimento e a pele como um local de inúmeras possibilidades de interação, um local que reflete meu interior, meu inconsciente, minhas emoções e sentimentos, se tornou o objetivo dessa jornada que percorreu por dentro e fora de mim

## REFERÊNCIAS

- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memória e patrimônio em “arquivos vivo”**. Projeto História, São Paulo, v. 62, p. 80-111, mai./ago. 2018
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/2003**. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 67-89.
- MACHADO, Almiros Martins. **Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe“y - de sonhos ao Oguatá Guassú em busca da(s) terra(s) isenta(s) de mal**. 2015. 209 f. Tese. (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2015.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da Arte**. ARTIGOS, ano VI, n. 1, mar. 2003.
- VIDAL, Lux. **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: StudioNobel, EDUSP, FAPESP, 1992.
- RODRIGUEZ, Luciana da Silva; CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro. **Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil**. Psicologia & Sociedade, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 746-755, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO).
- PÉREZ, Andrea Lissett. **A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade**. Mana, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 179-206, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO).

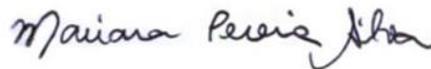
**APÊNDICE A – Entrevista com Mariana Pereira Silva**

<p>Nome completo, idade, cidade natal e quando começou a tatuar?</p>	<p>Mariana Pereira Silva ‘‘Persi’’, 32 anos, natural de Patos de Minas e comecei a tatuar em 2013.</p>
<p>Você encontrou desafios por ser mulher quando começou a tatuar?</p>	<p>Sempre houveram desafios por apenas ser mulher. Como já fazem dez anos desde que comecei, eram outros tempos e o machismo sempre foi presente. Quando comecei, não me levavam a sério como profissional. Tatuadores homens acreditavam que seria só uma fase, que eu não seguiria com isso e que jamais seria boa. Clientes homens me desrespeitavam com flertes, desrespeitos e achavam minha arte muito ‘‘feminina’’.</p>
<p>Você percebe alguma diferença na quantidade de mulheres tatuadoras desde quando você começou a tatuar até hoje?</p>	<p>É extremamente notável a quantidade de mulheres na área da tatuagem atualmente.</p> <p>Quando comecei, dez anos atrás, só haviam quatro tatuadoras mulheres na cidade. Hoje devem totalizar pelo menos umas 50.</p>
<p>Ainda hoje você sente alguma diferença de tratamento/ menosprezo/ machismo por parte de clientes ou outros tatuadores pelo fato de você ser mulher?</p>	<p>Ainda sinto um pouco de diferença sim no tratamento. Não como antes. Mas quando saio com meu namorado por exemplo, as pessoas sempre perguntam se ele é tatuador. Nunca direcionam essa pergunta pra mim. E quando digo que sou tatuadora, acham que só faço Fineline e tatuagens simples. Não me enxergam como uma possível artista competente e boa no que faz.</p>

<p>Você já pensou em desistir da profissão por alguma situação que você tenha passado por ser mulher?</p>	<p>Nunca pensei em desistir. Sempre mantive o pé no chão e firme no meu propósito. Estudando e crescendo na área, e conseqüentemente provando que sou capaz e mereço ser respeitada com minha arte.</p>
<p>Qual conselho você daria para uma mulher que quer ser tatuadora?</p>	<p>Invista no seu sonho! Estude e dedique um pouco a cada dia. Tudo é alcançável quando se tem disciplina e amor. E na tatuagem é assim. Sempre há algo para aprender, algo pra ensinar. É uma profissão linda que traz boas vivências e liberdade. Como trabalhamos com corpos, é sempre importante respeitar os limites e corpo do outro, se atentar na biossegurança e fazer um belo trabalho. A tatuagem trabalha muito a autoestima das pessoas e bem estar. Ela é muito mais que uma arte bonita.</p> <p>Quando depositamos nossos sonhos em algo e nos entregamos, o resultado é sempre positivo.</p>

**APÊNDICE B – Termo de consentimento Mariana Pereira Silva****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável a aluna de graduação Ana Laura Ferreira Prado, do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com mulheres tatuadoras, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso de graduação intitulado “O corpo enquanto suporte artístico: de pinturas corporais á tatuagens que fiz em minha vida”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será transcrita no trabalho. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos serão apenas para execução do trabalho.



---

Assinatura

Uberlândia, outubro de 2023.

### APÊNDICE C – Entrevista com Nathália dos Anjos

Nome completo, idade, cidade natal e quando começou a tatuar?	Nathália dos Anjos, 27 anos, nascida em Uberlândia. Comecei a tatuar em 2019.
Você encontrou desafios por ser mulher quando começou a tatuar?	Sim. A velha guarda ainda faz muita escola. Claro que foram e sempre serão extremamente importantes para a história da tatuagem, mas geralmente eles carregam muitos preceitos sobre essa cultura, e um deles é o machismo. Não necessariamente deixando claro que mulher não pode tatuar, mas limitando sua atuação a simplesmente tatuagens delicadas e fofas. O que levanta muitas barreiras sobre a concepção das artes.
Você percebe alguma diferença na quantidade de mulheres tatuadoras desde quando você começou a tatuar até hoje?	Sim. Tem acontecido um movimento crescente de tomada de posição na tatuagem, onde se é possível ver muitas mulheres, inclusive participando de convenções e vencendo. Mas escancaradamente em proporções muito menores que de homem ganhadores, principalmente quando se considera os organizadores e jurados do evento.
Ainda hoje você sente alguma diferença de tratamento/ menosprezo/ machismo por parte de clientes ou outros tatuadores pelo fato de você ser mulher?	Sim. E não acredito que isso vá parar tão cedo. Por outro lado, vem se formando um público bem miscigenado que busca tatuar com mulheres. Esse público possui um padrão, claro, são pessoas engajadas socialmente.

Você já pensou em desistir da profissão por alguma situação que você tenha passado por ser mulher?	Por esse motivo não, pois já entrei na profissão conhecendo os desafios.
Qual conselho você daria para uma mulher que quer ser tatuadora?	Mantenha a consistência. Tudo se pode aprender, mas é necessário muita disciplina pra ser consistente de frente a adversidades como o preconceito dentro da própria profissão. Só a soma de tempo e esforço podem formar uma especialista.

**APÊNDICE D – Termo de consentimento Nathália dos Anjos****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável a aluna de graduação Ana Laura Ferreira Prado, do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com mulheres tatuadoras, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso de graduação intitulado “O corpo enquanto suporte artístico: de pinturas corporais á tatuagens que fiz em minha vida”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será transcrita no trabalho. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos serão apenas para execução do trabalho.



---

Assinatura

Uberlândia, outubro de 2023.

### APÊNDICE E – Entrevista com Stefani Papadio

Nome completo, idade, cidade natal e quando começou a tatuar?	Stefani Papadio Damasceno, 20 anos, Fernandópolis – SP, comecei a tatuar em fevereiro de 2022.
Você encontrou desafios por ser mulher quando começou a tatuar?	80% do meu público até hoje é composto por mulheres. Percebo que homens não dão preferências para mulheres tatuadoras e senti muito isso, principalmente no começo, quando não tinha muitos clientes.
Você percebe alguma diferença na quantidade de mulheres tatuadoras desde quando você começou a tatuar até hoje?	Por ser pouco tempo na profissão, não tanto, mas desde que eu comecei a me interessar na profissão, assim que fiz a minha primeira tatuagem em 2019, percebi um número crescente, principalmente durante a pandemia.
Ainda hoje você sente alguma diferença de tratamento/ menosprezo/ machismo por parte de clientes ou outros tatuadores pelo fato de você ser mulher?	Muitas vezes sinto olhares tortos por ter escolhido uma profissão "mais masculina", sempre por parte de família, conhecidos e até pessoas que não conheço.
Você já pensou em desistir da profissão por alguma situação que você tenha passado por ser mulher?	Não.
Qual conselho você daria para uma mulher que quer ser tatuadora?	Força de vontade é a chave. A profissão é difícil (principalmente no começo), o machismo enraizado nela é pior ainda. Meu conselho é buscar inspirações femininas (redes como instagram e tiktok tem bastante) que a incentivem no mundo da tattoo.

**APÊNDICE F – Termo de consentimento Stefani Papadio****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável a aluna de graduação Ana Laura Ferreira Prado, do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com mulheres tatuadoras, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso de graduação intitulado “O corpo enquanto suporte artístico: de pinturas corporais á tatuagens que fiz em minha vida”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será transcrita no trabalho. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos serão apenas para execução do trabalho.

  
Assinatura

Uberlândia, outubro de 2023.